

INSTITUTO

Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: _____
 Data: 13/8/98 Pg. 4-3
 Class. Koyapo mekromzoti

187

Os índios e a exploração

Índios e madeireiros são sócios na devastação da floresta amazônica. Numa operação conjunta, o Ibama, a Polícia Federal e a Funai flagram no interior de uma reserva indígena caiapó, no sul do Pará, um sistema industrial de exploração do mogno, que acumulava no último fim de semana um estoque de 614 mil toras, avaliadas em R\$ 1,5 milhão.

A madeira de lei está sob risco de extinção e foi motivo de um decreto presidencial, proibindo seu corte durante dois anos.

O flagrante dos órgãos do governo está atrasado mais de uma década. Desde o fim dos anos 80, os índios caiapós renderam-se aos encantos do consumismo. Pelo dinheiro capaz de garantir uma antena parabólica nas aldeias, velhos monomotores para os passeios pelas cidades próximas em busca de mulheres brancas e bebida alcoólica, automóveis para ir da aldeia a lugar nenhum, e eletrodomésticos que acabam esquecidos nas ocas, passaram a "arrendar" suas reservas aos brancos.

Admitem em suas terras, além das madeiras, também os garimpeiros que transformam áreas imensuráveis em verdadeiros lamaçais montanhosos na sua busca do ouro. O mercúrio que eles usam polui todos os rios próximos, ameaçando a saúde dos índios e dos animais. O vaivém de aviões que abastecem os garimpos e de carretas carregadas de madeira há anos é intenso no sul do Pará, onde autoridades fizeram a primeira grande investida há dias.

Somente num ponto das terras da aldeia Kubemkokre, a Funai encontrou diversos índios trabalhando para os madeireiros: os guerreiros que controlavam a saída dos caminhões recebiam mensalmente R\$ 250,00, o equivalente a um terço do valor do metro cúbico da madeira. Cada tora tem 3,2 metros cúbicos e, ali, pelo menos

quatro carretas chegam diariamente vindas de pontos distantes da reserva.

O descontrole das ações dos invasores nas reservas é total. Aos madeireiros e garimpeiros somam-se os biopiratas, agentes dos grandes grupos multinacionais que conquistam os índios, ignorando a lei ou a autoridade do governo brasileiro, e levam embora o que mais tarde se transforma em uma fonte incensurável de riqueza. Ultrapassar os limites das aldeias

não é problema, ainda que a Funai se oponha. Se os índios querem, eles vão. E os índios sempre querem, em troca de agradados.

Entre as ocas e a floresta, os

brancos exploram todo o conhecimento, a sabedoria e a cultura indígena e, mais tarde, transformam o que aprenderam em produtos farmacêuticos, químicos e cosméticos comercializados no mundo todo. Fica para o Brasil o dever de pagar royalties por essas mercadorias e o prejuízo de assistir à degradação da floresta, da sociedade e da cultura indígenas. Por isso, o governo brasileiro tem sido duramente criticado. E exatamente pelos governos e pelas ONGs dos países de onde vêm os invasores.

Ações como a que flagrou o maior esquema de produção para o mercado negro de mogno no Brasil deveriam ser constantes na floresta amazônica. De nada adiantará atender aos apelos do mundo em defesa da demarcação das reservas indígenas, se as autoridades brasileiras continuarem permitindo aos índios negociar a exploração predatória das terras. Se nem o Ibama, isoladamente, nem a Funai ou a Polícia Federal têm condições de manter uma fiscalização eficiente na Amazônia, deveriam unir esforços. O resultado da operação realizada no último fim de semana comprova que é possível fiscalizar a floresta e as atividades econômicas dos índios.

Falta de controle do governo permite que os índios "arrendem" suas reservas